A COR DA CORAGEM

João Paulo Brasileiro

Artes e Capas – João Paulo Brasileiro

Contato com o autor = joaopaulobrasileiroescritor@gmail.com

A COR DA CORAGEM

Um tom de orgulho
Um que de raça
Uma saga de força e fé
Um menosprezo à covardia
Uma historia mostrando que é possível a verdade ser explícita através da ficção!

João Paulo Brasileiro

Aos meus filhos Fabio e Denis
Parentes agregados
Amigos
Irmãos
Minhas netas Isabella e Manuella
A Deus pelo dom a mim concedido.

Sensibilizado e um pouco mais culto devido ao enorme campo de informações colhidas em sites e colaborações de pessoas conhecedoras dos termos dessa historia, quero agradecer imensamente a todos e a todas as fontes que me permitiram o desenrolar do que aqui pude contar...
Agradeço também ao amigo jornalista Jose Roberto Moura Alves que, de forma simples e direta, soube explanar o conteúdo deste livro!

A COR DA CORAGEM

Indicativos
Apresentação (1)
Dedicatória
Visão do escritos
Declaração
Prefacio
Pensamento sobre a historia
Capitulo 1 - Matilde O início da historia
Apresentação 2
Capitulo 2 - O inicio de tudo -
Capitulo 3 - Murrem – O jovem Samburu
Capitulo 4 - Assalto ao deposito de escravos - Ilha da Madeira – Portugal - Ano de 1805
Voltando a Arrucha (Casa de Murrem)
Enquanto isso em Lisboa
Capitulo 5 - A viagem a Dar Al Salaam
Capitulo 6 - O acouce Rebecca Pocahontas e Adelaide Magalhães
Capitulo 7 - O reencontro
Capitulo 8 - A busca
Capitulo 9 - Sophia – Os olhos de esmeraldas
Capitulo 10 - Rakanja em Recife
Capitulo 11 – Vale Rift – Rukiwa w Talib
Voltando a Recife – Rakanja e Hala
Capitulo 12 - Natanael (Galo Rubro) e a nova Sophia Magalhães “Paschoal Rakanja
Capitulo 13 - A vinda de Talib e família para o Brasil
Capitulo 14 - A Carta

A COR DA CORAGEM é uma obra de ficção, onde são mencionados nomes de lugares, objetos e pessoas, que na grande maioria das citações são fictícias.
O autor da obra solicita ao leitor e às autoridades que, caso identifiquem alguma semelhança, considerem como mera coincidência.

As informações mais apuradas constantes desse livro foram pesquisadas e compiladas de várias publicações do www.google.com.br, páginas e blog's, Pelas quais agradeço profundamente, pois, sem essas informações não seria possível a realização deste trabalho!

Prefacio

Através de um brasileiro conhecido como João Paulo Brasileiro, vamos conhecer a saga, por três continentes, de dois jovens que só queriam ser felizes mesmo enfrentando os diversos tabus Masai, na velha África.
Uma história triste que começa com os sonhos de Rakanja e Rukiwa, entre as barbaridades de um sistema covarde e desumano gerado pelo comércio escravagista que oferecia mão-de-obra necessária e barata ao Novo Mundo descoberto pelos navegantes europeus.
Numa trama surpreendente, a narrativa prende a atenção do leitor através da caminhada e luta de Rakanja, enfrentando a desvantagem sempre presente na sua trajetória, mas, sem desistir, apostando em sua fé, fazendo amigos, buscando sempre encontrar sua família.
Como a caminhada, o tempo também passa, nos mostrando que o autor sempre fiel à cronologia das datas, leva os leitores a um passeio pela História.
Numa construção inteligente, o autor consegue deixar o leitor ligado ao desenrolar da narrativa, transformando o protagonista em um vencedor, lutando, trabalhando, enfrentando viagens longas, passando por situações difíceis, mas sempre num enredo emocionante.

Uma leitura que recomendamos, sobretudo por que nos coloca no meio do seu desenrolar.
Uma história que valoriza e crê na força da Fé.
O autor, numa sacada genial, leva a narrativa no seu final, a uma grande surpresa, mostrando que a criatividade pode brincar com os fatos sem perder os limites do tempo.
Com certeza, o autor deixou a velha Matilde feliz...

Jornalista Jose Roberto Moura Alves Campo Grande – MS
jrma008@uol.com.br

Somos filhos do não saber
A queixa do não querer
O caldo tenro da exceção
Simplesmente filhos do não!

A COR DA CORAGEM

MATILDE
A origem da historia

Certo dia, já há alguns anos, estava eu sentado na praça tentando vender alguns exemplares do meu último livro quando, com sua bengala surrada, aproximou-se lentamente uma velha senhora negra, com um lenço colorido cobrindo os poucos e brancos cabelos que ainda lhe restavam!
A velha senhora, com alguma dificuldade, pegou um exemplar do livro e tentou abri-lo, mas suas mãos debilitadas não conseguiram atende-la!
Vendo aquela sena fiz questão de folhear e mostrar-lhe algumas páginas, porém, com a voz tremula e um pouco sotaqueada disse-me que agradecia minha gentileza, mas, de nada adiantava, pois não sabia ler!
Perguntei-lhe então a sua idade, onde morava e o que fazia na rua sozinha?
Ela olhou-me bem no fundo dos olhos e com muita certeza, respondeu-me...
--- Meu minino!

Não entendi nada, mas, perguntei-lhe se me achava um menino?

--- E ela respondeu: Tudu nois semo!
--- Obrigado! Agradeço-lhe por demonstrar essa sabedoria tão peculiar! Realmente, dependendo do ponto de vista do sentir-se, devo dizer-lhe que me sinto um menino, embora em minha estrada eu já tenha percorrido 70 quilômetros!
--- To veno seu retrato na capa desse livro, você é qui iscreveu ele?
--- Sim, minha senhora, sou autor desse e de outros 12 títulos, porém, como escritor independente, não tenho recursos e nem “Quem indique” às editoras para serem publicados!

--- Ocê tá iscreveno ainda?
--- Sim! Um poeta, um músico, um escritor, artistas de uma maneira geral, jamais para de praticar sua vocação, sempre, por mais que se tente parar com tudo, aparecem inspirações e motivos para continuar!
--- Qui bom!
--- Mas, posso saber o porquê de tanta curiosidade?
--- Ocê si importa cum isso?
--- Não, imagine! Na verdade fico até lisonjeado!
--- Posso me asentar aqui pertim docê?
--- Claro, fique a vontade! Como diz o velho ditado: A casa é nossa e a praça é de todos!

Depois de alguns segundos de silencio, observei em seus olhos uma gotinha de lágrima tentando escapar de toda aquela tristeza absurdamente aparente, estampada naquele pequenino rosto enrugado! Controlei-me para não perguntar sobre sua vida, afinal, mal a conhecia, porém, para minha surpresa, ela olhou-me e disse:

--- Num sinta o que ocê tá sintino! Sei que ocê tá ca garganta coçano pra me prigunta quem é qui sou eu e de ondé qui vim! Sei tomém qui ocê, apesar di ser um artista, si senti iguarzinho qui eu!
--- Ué! Como sabe?
--- Ocê nunca perdeu ninguém qui amô e ainda ama?
--- Sim, claro! Dificilmente alguém com a minha idade já não tenha perdido alguém!
--- Puis é!
--- A senhora perdeu alguém recentemente?

--- Tuda a minha vida foi di perda! Perdi tudo mundu e tudo mais, mais, tem uma entre essas perdas, qui é tuda a razão dessa minha tristeza braba!
--- É mesmo? Posso saber quem ou o que?
--- Nu finar da historia ocê haverá de sabê, intão, carma
--- Que pena, mas, a vida realmente é tão macia quanto uma rosa, tão bela quanto um diamante e ao mesmo tempo, tão dura quanto ele! Não me leve a mal, mas, posso saber sua idade?
--- hi-hi-hi! Ocê vai aduvidà!
--- Ué! Porque eu duvidaria?
--- Sabe, minino, eu mi pirdi no tempo, mais si não mi ingano, devo di te bem mais di 100 ano!
--- Hã!
--- Eu num disse que ocê ia istranhá?
--- Que benção!
--- Mais, ocê não mi arespondeu si tá iscreveno arguma coisa nova?
--- Desculpe, acabei me esquecendo da sua pergunta! Não, não estou escrevendo nada por enquanto!
--- Qui bom!
--- A senhora acha isso bom?
--- Pra mim é, uai!
--- Não entendi!
--- Mais cum certeza ocê deve di tá buscano argum mutivo pra iscreve, num tá?
--- Sim, aliás, estou doido de vontade! Sabe, isso é tão presente em mim que chego a sonhar com um novo livro, mesmo sabendo que ficará na gaveta, mas...

--- Ocê pode mi arecebe na sua casa, ou, si prifiri, i até meu barraquinho pra a gente cunversa? É qui agora tou muito cansada e priciso i imbora!
--- Claro! Mas, qual é mesmo o seu nome?
--- Di verdade memo, eu também já me isqueci dele, mais ocê pode mi chama di Matirdi!
--- Ok, Matilde! Só um momento, por favor!

Imediatamente juntei os exemplares e os guardei na mochila, depois, ofereci-lhe uma carona!

--- Eu ti agardeço e muito, mais num posso di aceitá! Brigado, amanhã eu vorto aqui!

Puxa! Que ser esquisito, pensei...
Continuei com a arrumação dos livros e dobrei a pequena banca de alumínio para ir embora.
Na manhã seguinte, por não estar me sentindo bem, decidi que não iria até a praça, decidi registrar em algumas palavras aquele encontro que, por alguma razão, me deixou impressionado.
Naquele dia, não muito bem de saúde, deitei-me mais cedo e logo adormeci, e foi aí que minha estranheza aumentou, pois, aquela senhora veio em meu sonho de uma forma tão convincente, que até pensei ser real.
Quando amanheceu, tratei de me preparar para ir expor na praça novamente, embora, na verdade, a intenção era de tentar vê-la novamente, e isso, essa vontade, já estava se tornando questão de necessidade, porque algo me dizia que tudo aquilo se tornaria um mastro de equilíbrio entre o presente e o passado, o que poderia gerar uma grande historia...

Passaram-se três dias desde que vi aquela senhora pela última vez, o que já provocava certo medo de não mais vê-la, e assim, aquela intuição de uma boa historia ter que ser abortada.

A Praça Ari Coelho, no centro de Campo Grande - MS onde eu moro até hoje, estava lotada naquela quinta feira de Julho, que apesar do tempo nublado, muita gente ali estava para visitar a exposição de antiguidades, e eu, aproveitando o movimento, montei a minha estante e coloquei ali vários exemplares do meu último livro (TEMPO NEGRO) e do penúltimo (SE OS PÁSSAROS OLHASSEM!). Apesar de saber que a maioria daquelas pessoas estava ali apenas para divertir-se, andar um pouco e ver as novidades, pois, a situação financeira pela qual o Brasil passava, conseguiu deixar muitos, inclusive eu, sem recursos para gastar além do que fosse realmente necessário, mas, pensei: Quem sabe alguém se interesse e compre alguns exemplares...
Entretido no atendimento daqueles que queriam saber mais sobre o meu livro, não percebi quando aquela senhora aproximou-se e quietinha ficou observando e ouvindo os meus argumentos, o que levou uma boa meia hora, porém, ela não se retirou, aguardou pacientemente que eu ficasse sozinho e só então aproximou-se de mancinho e bateu em meu ombro, o que gerou um pequeno susto e surpresa ao mesmo tempo, pois, não a havia visto por ali, além de já não ter mais esperanças de revê-la, porém, com alguma emoção, a recebi e demonstrei a ela o quanto sua visita era importante para mim...

Matilde--- Cumé qui vai ocê?
--- Bem, aliás, melhorou muito agora Dona Matilde, obrigado!

Matilde--- Qui bom!
--- Por onde tem andado?
Matilde--- Ah, enquanto eu pudé, vô andano puraí na vida!
--- Pela vida? Não entendi!
Matilde--- Genti acuma eu i cum minha idade já num anda mais atráis di nada meu fio, a gente simprismente anda, é isso que inhenche o tempo!

Puxei então o banquinho que eu mantinha sob a estante e ofereci-lhe para sentar-se.

Matilde--- Mais, mi fala minino, ocê ainda si lembra du qui pidi procê?
--- Sim, claro!
Matilde--- A genti podi prosiá sobre o assunto?
--- Claro que sim, aliás, a senhora não prefere sair daqui e conversarmos em minha casa? Lá poderemos ficar a vontade e bastante sossegados, longe desse barulhão todo!
Matilde--- Posso cunfia no cê?
--- Ué? Tem dúvidas disso?
Matilde--- É qui sô moça virgi e aprendi desde minina qui não si pode cunfiá im homi suzinho!
--- KKK! Vamos minha senhora, comigo estará em segurança, mas, se preferir, a gente vai até a Praça das Nações Indígenas, onde tem bastante espaço e também é um lugar tranquilo!
Matilde--- Tá bom! Nois vai onde ocê quisé!

Saímos então de onde estávamos e nos dirigimos até minha casa. Preferi assim, pois lá pude dar-lhe melhor atenção, além de poder oferecer-lhe alguma coisa para comer e beber.

Matilde--- Cê ta disposto a mi iscuitá?
--- Claro!
Matilde--- Intão tá bom!
--- Só que antes, se a senhora permitir, eu gostaria de tirar uma foto, posso?
Matilde--- Uche! Pra mordique?
--- É que se eu conseguir escrever, como penso que vou, tenho a intenção de colocar a foto da minha inspiradora na capa!
Matilde--- Tá bom, podi abota, mais, ti agaranto, Ca minha cara isburifada como é, ocê vai é assusta e ninguém vai querê compra esse livro!
--- Dona Matilde, a senhora e mesmo uma graça!

Fui até a cozinha e preparei um chá, peguei alguns biscoitos e a convidei a servir-se comigo. Ela aceitou, tomou uns goles do chá e começou a contar sua historia:
Disse-me que não se recorda do dia em que nasceu e nem mesmo os nomes de seus pais, porém, a seu modo e pronuncia, discorreu sobre um fato que realmente causou-me angustia e ao mesmo tempo um ódio profundo pela maldade de muitos seres humanos para com seus semelhantes, porém, havia ainda um detalhe muito importante que me foi dado como presente pela velha senhora, que ao me entregar pediu-me que guardasse com todo carinho e cuidado, pois, ali estavam as última palavras desta historia.

A COR DA CORAGEM

Apresentação (2)